

PERÍMETROS 3

O lugar costuma ser o centro | Claudia Hamerski



Organização e curadoria de Mario Gioia

Ministério Da Cidadania
e Adelina Instituto apresentam:

PERÍMETROS 3

O lugar costuma ser o centro
Claudia Hamerski

Curadoria e organização: Mario Gioia

Junho | Julho-2020

walkabout

Para *O lugar costuma ser o centro*, Claudia Hamerski apresenta novos desdobramentos e abordagens em seu corpo de obra, agora mais colorido e ligado a uma ideia de origem e identidade. A fundamentação no desenho permanece, mas a investigação da paisagem lateral, periférica e menor, além de um comportamento multifacetado em termos de linguagem, podem ser destacados. O processo como dado basilar e disparador de configurações outras, tanto conceituais como plásticas, não pode ser esquecido. A estreia da artista gaúcha em individuais em São Paulo notadamente surpreenderá quem a conhece apenas pelo virtuosismo dos grandes trabalhos em PB, que a fizeram reconhecida inclusive com premiações, como o Açorianos (categoria desenho), em 2016.

Inicialmente, as experiências cromáticas. Após a participação no Programa Artista Convidado do Ateliê de Gravura da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, Claudia desenvolveu séries utilizando a cor e dotadas de mais leveza que peças anteriores. Importante realçar que o lócus catalisador das obras foi Seberi, cidade natal da artista localizada no norte gaúcho. Numa postura mais solta e com o uso de novos materiais, como o pastel seco, os desenhos abrigam uma sensação de liberdade, talvez por uma aproximação identitária entre a autora e o sítio de onde as imagens foram coletadas e, agora, no lugar da arte, ressignificadas. Também ressoam renovadas influências, como os desenhos sintéticos ao extremo do norte-americano Ellsworth Kelly (1923-2015), além da produção de artistas-viajantes e botânicos como a das britânicas Margaret Mee (1909-1988) e Maria Graham (1785-1842).

Ainda em cor e borrando os limites do quadro e do tridimensional, Claudia apresenta desenho alto, de médio porte. A artista lembra que ele parece uma cascata e que guarda os vestígios do fazer e da criação. Em um jogo de esconder/evidenciar, fragmentos matéricos de cor se espalham pela superfície anteriormente alva e se estendem por “barrigas” que ajudam a aproximar a peça do tridimensional. Tal trabalho remete a peças anteriores feitas por ela, como *8B*, quando lápis de grafite justapostos (e anteriormente usados na feitura de obras) compunham um estranho *skyline*, que tanto pode comentar o esgotamento dos processos produtivos (e artísticos, por extensão) como trazer certa melancolia frente aos severos e tumultuados horizontes metropolitanos. Agora em *Eco*, título do desenho, Claudia parece agregar uma magia da cor para amenizar uma aridez do cotidiano que nos solapa rotineiramente.

A urbe não deixa de ser um dado em *Periferia*, peça instalativa que surge no centro do espaço expositivo da Adelina. Compilação de descartes variados no processo do ateliê, os retalhos de desenho criam um trabalho que não deixa de ser irônico com o triunfo de nossa herança construtiva em artes. Também lida com as contradições entre centro e periferia em variadas camadas de leitura – além de remeter ao título da mostra.

“A importância do lugar para movimentos sociais, para a constituição de identidades culturais, para resistências, contrapontos, sonhos, renovações, devaneios e liberdades está justamente na sua indissociabilidade com nossa experiência e, conseqüentemente, com nossa existência, ou seja, com o que somos. E para continuarmos sendo, o lugar costuma ser o centro”¹, escreve Eduardo Marandola Jr. em volume do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, pensador-chave na conceituação da obra da artista.

Em *O lugar ...*, Claudia, contudo, não se omite ao exibir grandes desenhos em grafite sobre papel que a tornaram um nome destacado na cena de arte contemporânea do Sul brasileiro. A partir de registros fotográficos feitos quase ao estilo da *street photography*, ervas daninhas, cantos de mato e vegetações relegadas a um meio-fio de qualquer cidade tornam-se, por ampliação e construção da artista, panoramas de dimensões avantajadas, que são representados com uma pujança selvática. Um inferno verde em preto e branco, com títulos que remetem aos logradouros em que as imagens foram captadas, geralmente ruas de intensa circulação. Nessas paisagens imaginárias, Claudia vai formando, pouco a pouco, uma nova coleção de cenários à margem, mínimos, que adquirem outras presenças. A paisagem contemporânea – urbana, ruidosa, cheia de rastros e vestígios que não podem ser apagados – revela então uma vontade da natureza a não se submeter, mesmo que em escalas minúsculas. Um elogio da resistência e da deriva. Como nos lembra o italiano Francesco Careri: “Uma natureza em que a paisagem pela qual se acabou de passar já foi transformada em uma nova paisagem, onde também nossa presença é causa de novas mudanças e, onde, para caminhar, é preciso ter uma estratégia ou – ao menos – um ritual”.²

Mario Gioia, março de 2020

1. TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar - A perspectiva da Experiência*. Eduep, Londrina, 2013, p. 9 e 10

2. CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. São Paulo, Gustavo Gili, 2017, p. 14.

walkabout

In “ *O lugar costuma ser o centro* ”, (The place is usually the center), Claudia Hamerski presents new developments of her work, now more colourful and connected with the idea of origin and identity. Her process is still based on drawings, but her investigations of smaller, peripheral landscapes and her multifaceted approach towards language are emphasized now. The procedures the artists employs as triggers for new conceptual and visual configurations cannot be forgotten. Hamerski, originally from Rio Grande do Sul, is presenting her first solo show in São Paulo, which will surprise the audience that already knows her production due to the virtuosity of the large black and white works that earned recognition, including the art prize Açorianos (drawing category), in 2016.

Initially, she experimented with chromatic experiences. Then, she participated in the Programa Artista Convidado do Ateliê de Gravura of the Iberê Camargo Foundation, in Porto Alegre, where she worked using color, resulting in softer series than her previous pieces. It is important to point out that the catalyst for her works was her hometown, Seberi, located in the northern region of the state. In a more relaxed posture, using new materials such as dry pastel, the drawings carry a sense of freedom, perhaps due to the proximity between their author and the location they were based on, now reframed in an artistic context. This series also evokes renowned artists, such as Ellsworth Kelly (1923-2015) and his synthetic drawings, or the botanists and artists that formed artistic missions like Margaret Mee (1909-1988) and Maria Graham (1785-1842).

Still using color and blurring the boundaries between two and three-dimensional works, Claudia presents one tall, medium drawing. She associates it with a cascade that treasures the vestiges of its own creating, process. Like in a hide and seek game, material fragments of color spread out throughout the once-white surface, expanding through “paunches” that turn the piece towards a three-dimensional aspect. This work echoes previous ones, such as “8B”, in which overlapped graphite pencils (that were used for earlier drawings) compose a strange skyline that can refer to the exhaustion of the creative process, or bring about a melancholic feeling in the face of harsh and tomb-like metropolitan horizons. Now in “*Eco*” (*Echo*) the artist seems to add the magic of color to relieve the dryness of a daily life that routinely undermines us.

The urban context is still present in “*Periferia*” (*Periphery*), an installation that emerges in the middle of the exhibition space. It is composed of a

compilation of materials she discarded in her studio – the scraps of earlier drawings create a piece that carries certain irony towards our constructive heritage in the arts. It also deals with the contradictions between the center and the periphery, in different layers of interpretation – while also referring to the title of the show.

“The importance of the place for grassroots movements, for the formation of cultural identities, for resistances, counterpoints, dreams, renewals, reveries, and freedoms, is precisely in its indissociability from our experience and, consequentially, from our existence – that is, from what we are. And in order for us to continue to be, the place is usually the center”¹, writes Eduardo Marandola Jr. in the preface of the book by the Chinese-American geographer Yi-Fu Tuan, a key reference in the artist’s research.

In “*O lugar...*” (*The place...*), Claudia, however, doesn’t shy away from showing the large graphite drawings on paper that earned her recognition in the Brazilian contemporary art scene. From photographs that resemble the street photography style, weeds, bushes, and neglected vegetations in sidewalks, through the artists magnification and construction, large panoramas of vigorous lush wilderness – a green inferno in black and white, with titles that allude to the high-flow streets where the photos were originally taken. In these imaginary landscapes, Claudia builds on, little by little, a new collection of sceneries on the edges. The contemporary urban scape is filled with traces, vestiges that cannot be erased, revealing nature’s will to resist, even if in the tiniest of scales. As the Italian artist Francesco Careri states: “A nature where the landscape which one passes through has already been transformed into a new landscape, where also our presence is the cause of new changes and, where, in order to walk, one must have a strategy or, at least, a ritual”.²

Mario Gioia, March 2020

1. TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar - A perspectiva da Experiência*. Eduep, Londrina, 2013, p. 9 e 10

2. CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*, São Paulo, Gustavo Gili, 2017, p. 14.



Seberi II, 2020
Desenho de crayon sobre papel montval 300g
198x152cm



Rio de pedras preciosas, 2020
Crayon sobre papel montval 300g
200x152cm



Eco, 2019
Desenho de lápis crayon sobre papel com suporte de madeira, 200x76cm



Periferia, 2020

Desenho instalativo, bordas de desenhos realizados de 2015 a 2020, medida aproximada 180x180cm



Rua Giordano Bruno, 226, 2015
Desenho de grafite sobre papel montval 300g, 153x190cm



Rua Augusto Pestana, 146, 2015
Desenho de grafite sobre papel montval 300g, 153x170cm



Vibra terra (Série Details), 2020

Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g, 39x29.50cm



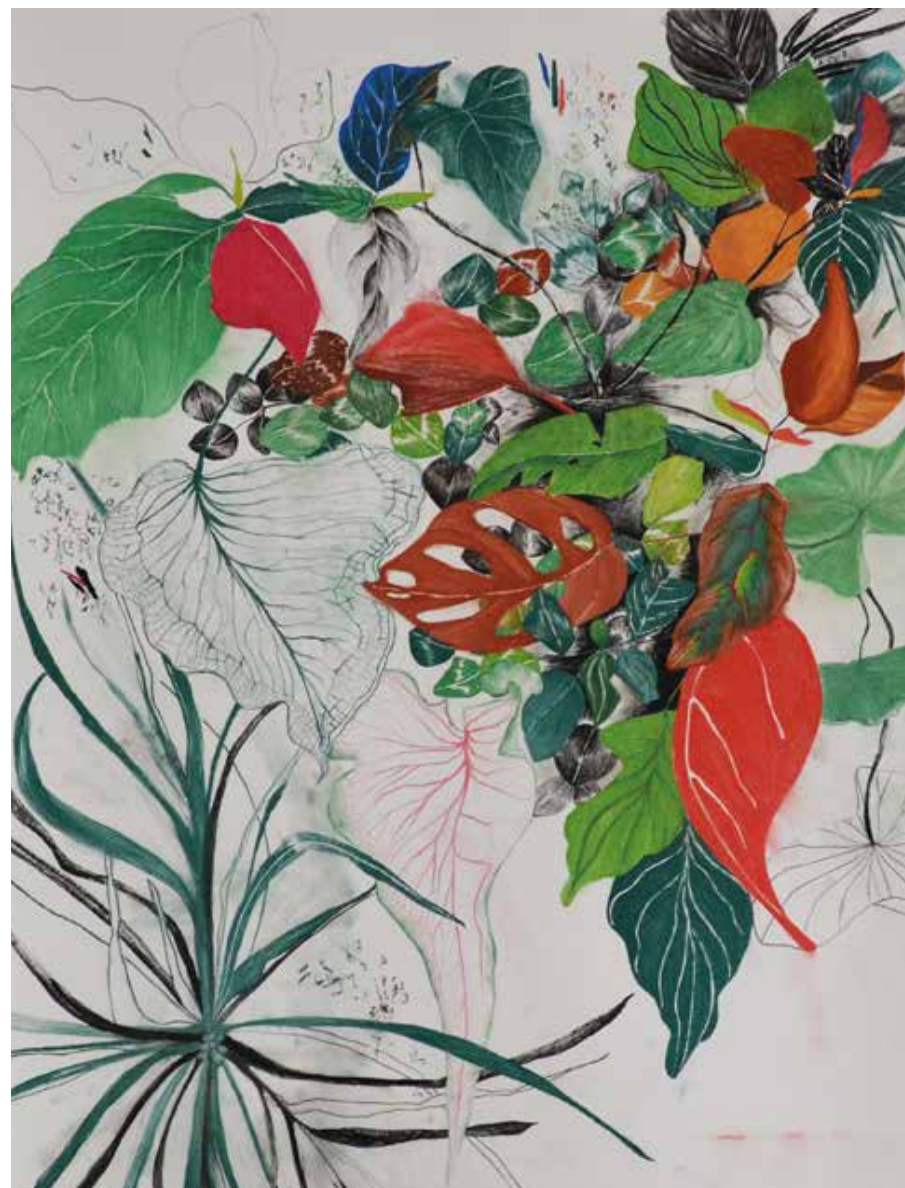
Movimento ascendente (Série Details), 2020

Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g, 39x29.50cm



Continente azul (Série Details), 2020

Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g, 39x29.50cm



Híbrido, 2019

Detalhe desenho de lápis crayon, grafite e carvão sobre papel montval 300g, 140x77cm







Série Details



Curvatura (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Empilhamento (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Bica (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



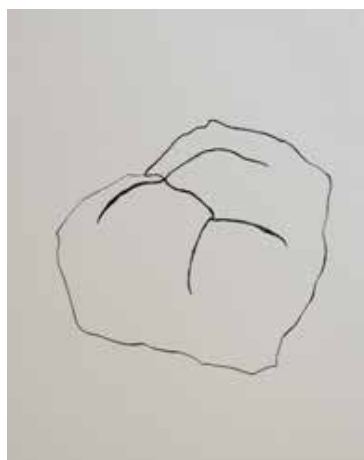
Croma (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Forma em pb (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Continente azul (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Vazio (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Estrutura (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Rebatimento (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm



Forma que cai (Série Details), 2020
Desenho de lápis crayon sobre papel montval 300g
39x29.50cm

minibio artista

Claudia Hamerski

é artista visual, doutoranda em Artes Visuais, com mestrado e graduação em Artes Visuais. Sua produção atual está concentrada nos processos de deslocamento pela cidade, relação entre fotografia e desenho, alteração de escalas, relações de localização e a insubordinação da paisagem ao arquitetonicamente instituído, e imbricações no processo criativo em desenho. Em 2020 participa do Projeto *Perímetros* com exposição individual no Adelina Instituto em São Paulo, SP e da Residência Artística no Espacio de Arte Contemporâneo, Uruguai. Em 2018 participou da Ocupação RAREFEITA. Residência Artística de primavera do CASERO Residência, em Itatiaia, RJ e realizou a individual *Entre Fissuras* na Galeria de Arte Mamute em Porto Alegre, RS. 2017 foi artista convidada no Programa Artista Convidado do Ateliê de Gravura da Fundação Iberê Camargo e em 2016 recebeu os Prêmios de Destaque em Desenho e Incentivo à Produção no 10º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas com a exposição *Topofilias*. Conheça o trabalho no site www.claudiahamerski.com

minibio curador

Mario Gioia

(São Paulo, 1974)

Curador independente e crítico de arte, é graduado pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Em 2016, a mostra *Topofilias*, com sua curadoria, no Margs (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre, foi contemplada com o 10º Prêmio Açorianos, categoria desenho. De 2011 a 2016, coordenou o projeto *Zip'Up*, na Zipper Galeria, destinado à exibição de novos artistas e projetos inéditos. Na feira ArtLima 2017 (Peru), assinou a curadoria da seção especial CAP Brasil, intitulada *Sul-Sur*, e fez o texto crítico de *Territórios forjados* (Sketch Galería, 2016), em Bogotá (Colômbia). Em 2018, assinou a seção curatorial dedicada ao Brasil na feira Pinta (Miami, EUA) e a curadoria de *Esquinas que me atravessam*, de Rodrigo Sassi (CCBB-SP). Em 2019, iniciou o projeto *Perímetros* no Adelina Instituto, em SP, dedicado a artistas ainda sem mostras individuais na cidade, que contou com exposições de João Trevisan (DF) e Lara Viana (BA). É colaborador de periódicos de artes como *Select* e foi repórter e redator de artes visuais e arquitetura da *Folha de S.Paulo* de 2005 a 2009. Integrou o grupo de críticos do Paço das Artes desde 2011, instituição na qual fez o acompanhamento crítico de *Luz Vermelha* (2015), de Fabio Flaks, *Black Market* (2012), de Paulo Almeida, e *A Riscar* (2011), de Daniela Seixas. Foi crítico convidado de 2013 a 2015 do *Programa de Exposições* do CCSP (Centro Cultural São Paulo) e fez, na mesma instituição, parte do grupo de críticos do *Programa de Fotografia 2012*. Em 2015, no CCSP, fez a curadoria de *Ter lugar para ser*, coletiva com 12 artistas sobre as relações entre arquitetura e artes visuais. Já fez a curadoria de mostras em cidades como Brasília (*Decifrações*, Espaço Ecco, 2014), Porto Alegre (*Ao Sul, Paisagens*, Bolsa de Arte, 2013), Salvador (*Fragmentos de um discurso pictórico*, Roberto Alban Galeria, 2017) e Rio de Janeiro (*Arcádia*, CGaleria, 2016), entre outras.

PERÍMETROS 3

O lugar costuma ser o centro |
Claudia Hamerski

junho | julho 2020

organização e curadoria
Mario Gioia

produção
Bruna Sizilio

montagem
Matias Picón
Mauricio Rossi

fotografia
Anna Boga

identidade visual e assessoria
de imprensa
Tuagência

tradução
Julia Lima

Adelina
instituto

direção
Fabio Luchetti

administração e financeiro
Laura Arbex

educativo
Gabriela Conceição
Laura Marin

administrativo
Amanda Madeu

motorista e serviços gerais
Joel Almeida

Rua Cardoso de Almeida, 1285, Perdizes.
CEP: 05013-001 – São Paulo – Tel: +55 11 3868.0050
oi@adelina.com.br
adelina



APOIO

REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

